

**APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA DE A CONSTRUÇÃO DO MUNDO
HISTÓRICO NAS CIÊNCIAS HUMANAS DE WILHELM DILTHEY**

Prof. Dr. Marco Antonio Casanova

A obra de Dilthey possui em muitos aspectos um caráter fragmentário. Boa parte de seus textos mais importantes jamais foram concluídos e se encontram hoje à nossa disposição como caminhos que repentinamente se interrompem ou que nos acenam com a possibilidade de um prosseguimento jamais levado a termo. Se considerarmos, por exemplo, a obra capital de Dilthey, *Introdução às ciências humanas*, publicada quando o filósofo tinha cinquenta anos, em 1883, chama a atenção o fato de essa obra, por mais que Dilthey só viesse a falecer em outubro de 1911, jamais ter sido terminada e chegar até nós apenas em sua primeira parte, que deveria ser completada por uma outra mais ampla, que trataria especificamente da filosofia moderna. O que acontece com o *Introdução às ciências humanas* se repete na obra que agora se torna acessível ao público brasileiro em geral: *A construção do mundo histórico nas ciências humanas* também possui um caráter fragmentário que desafia desde o princípio o leitor e que merece uma explicitação inicial. Bem, perguntemos, então: mas de onde provem esse caráter fragmentário do pensamento de Dilthey? Trata-se de um elemento contingente e extrínseco ao seu pensamento? Ou ele diz muito mais respeito à sua essência propriamente dita? Para respondermos a essas perguntas de forma consistente, seria necessário bem mais do que uma apresentação sintética do presente livro. Por isso, nos restringiremos àquilo que é decisivo para um primeiro contato com o texto diltheyano.

O caráter fragmentário do pensamento de Dilthey não aponta para algum acaso fortuito, nem possui nada em comum com um elemento extrínseco a esse pensamento. Ao contrário, a fragmentariedade de sua obra provém diretamente da essência do seu projeto filosófico

fundamental. Dilthey constrói o projeto de sua hermenêutica como uma crítica da razão histórica, como uma exposição do horizonte efetivo de realização psicofísica do homem na história. Tal exposição baseia-se por um lado em uma apreensão do lugar do homem na própria constituição da vida histórica; e, por outro lado, nasce diretamente da percepção de uma conjuntura histórica específica, que obriga o pensamento a estabelecer para si mesmo como tarefa o re-enraizamento da totalidade no homem. No que concerne ao primeiro ponto, o lugar do homem se mostra aqui como o lugar de articulação de uma rede complexa de relações que precisam ser desde o princípio criticamente descritas com vistas à sua conexão propriamente dita. Do homem parte, segundo Dilthey, todo um conjunto de referências que se dividem entre referências materiais e psíquicas. Quando tomamos uma ação qualquer do homem, por exemplo, a realização de uma pesquisa empírica determinada, a busca pela descoberta de um medicamento eficaz no combate a uma doença específica. Considerada em seu campo de realização mais restrito, essa ação tende a se desarticular de seu horizonte mais amplo de surgimento e a ser pensada sem qualquer ligação com o mundo no qual uma tal pesquisa veio à tona. Parece a princípio que o cientista desenvolve uma pesquisa pontual, que não responde e nem deve responder aos interesses alheios ao seu âmbito de trabalho, sob pena da perda de sua isenção valorativa. A questão é que a própria possibilidade da pesquisa repousa em um contexto maior que tende apenas a ser obscurecido no interior da pragmática da pesquisa. Desde a materialidade efetiva em jogo nas sensações do cientista, nas propriedades materiais dos componentes manipulados e nas leis que regulam os fenômenos físicos e químicos, passando pelo grau de desenvolvimento dos processos técnicos e das doutrinas científicas, até chegar às finalidades humanas a que se destinam tais pesquisas, ao fato de essas pesquisas serem pensadas para propiciar ao homem um certo tipo de bem estar e uma relação particular com o mundo, forma-se uma conexão ampla que expressa em todos os seus elementos a concretização objetiva do espírito em um tempo. É no homem, por sua vez, que se encontra para

Dilthey o ponto de conexão de um tempo, da visão de mundo de um tempo, porque é no homem, ser vivencial, que se acha presente desde o princípio a vida histórica do todo. A essa apreensão do papel do homem na conexão da totalidade corresponde em seguida uma tentativa diltheyana de fazer frente a um problema constitutivo de seu tempo. Bem, mas de que problema estamos falando aqui? Em primeiro lugar, do problema da fragmentação da ciência em uma multiplicidade de ciências particulares e da perda subsequente de unidade dos processos científicos em geral em relação ao seu mundo. Em seguida, do problema da pretensão de verdade da ciência e da perda do papel central da filosofia como única detentora de uma verdade absolutamente fundada. Dilthey percebe o caráter abstrativo das ciências naturais em geral, na medida em que as ciências naturais trabalham com campos restritos de pesquisa e tendem incessantemente a tratar os fenômenos nesses seus campos de pesquisa a partir de uma desarticulação em relação ao seu horizonte próprio de mostraçã. Com isso, ele tem total clareza quanto ao perigo de uma autonomização das ciências e de uma perda por parte da filosofia do lugar tradicionalmente atribuído para ela de fundamentação do conhecimento verdadeiro. As ciências naturais desvinculam os fenômenos da vida e não podem conseqüentemente pleitear sozinhas o estatuto de veiculadoras do conhecimento verdadeiro. É por isso que, para Dilthey, às ciências naturais precisa se contrapor um outro tipo de ciências, as ciências humanas, que não explicam fatos a partir de um recorte dos fatos ante o seu horizonte de aparição, construindo subsequente modelos explicativos para os fatos, mas que compreendem fenômenos em sintonia com a base psico-material dos fenômenos, com a base comum a partir da qual se estabelecem as vivências individuais de uma época. Na verdade, o caráter fragmentário do pensamento de Dilthey possui uma ligação direta com essa determinação diltheyana da hermenêutica como uma fundamentação das ciências humanas. Uma vez que a tarefa compreensiva das ciências humanas é reconstruir a base comum vivencial de uma época e uma vez que essa base comum vivencial aponta para a visão de mundo de um

tempo, com toda a complexidade estrutural dessa visão de mundo, com toda a miríade de possibilidades interpretativas, culturais, humanas, sociais etc., há algo de impossível na hermenêutica de Dilthey. Impossível não porque ela não pode ser plenamente realizada em cada um de seus passos. Mas impossível porque ela nunca pode ser concluída. Não há como concluir um processo reconstutivo de uma época, da visão de mundo de um tempo. Ora, qual é, porém, a consequência desse estado de coisas para o texto que temos agora diante de nós, para *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*.

Como dissemos inicialmente, o texto diltheyano sobre *A construção do mundo histórico nas ciências humanas* é um texto fragmentário. Dilthey jamais chegou a levar a termo o plano de prosseguimento do livro, nem a unificar de maneira consistente as diversas tentativas de tratar mais detidamente alguns contextos teóricos. Assim, o volume 7 dos escritos reunidos de Dilthey, o volume dedicado à publicação do *Construção do mundo histórico*, traz consigo não apenas o material apresentado pelo próprio Dilthey na Academia Prussiana das Ciências em 1910, mas também uma série de pequenos adendos a esse material. Esse mesmo volume serve de base para a edição feita pela editora Suhrkamp por Manfred Riedel, da qual nos servimos aqui. O leitor vai encontrar na presente edição além do texto original um “plano de prosseguimento”, uma “demarcação das ciências humanas” e alguns “adendos à construção do mundo histórico”. Esses trabalhos, que funcionam muitas vezes como uma retomada de momentos anteriormente tematizados, não deve induzir o leitor em erro. O intuito não é acentuar ainda mais a sensação de incompletude do texto, mas introduzir de modo mais efetivo na vida do pensamento hermenêutico. Como Hans-Georg Gadamer não se cansou de afirmar em seu tempo de vida, a hermenêutica aponta para uma crítica da razão finita. Para ela, a impossibilidade de um término definitivo do processo hermenêutico não é um argumento válido para a demonstração de sua inconsistência. Ao contrário, ela se mostra antes como um traço fundamental que precisa ser levado desde o princípio em conta para a compreensão do próprio

acontecimento hermenêutico. Esse mesmo fato vale para Dilthey. A incessante retomada de suas posições anteriores indica justamente a inquietude que habita o cerne da hermenêutica. Fragmentariedade não é em nosso caso um defeito que precisaria ser corrigido ou um indício de uma falha interna ao próprio movimento hermenêutico: fragmentariedade é a essência da vida que se realiza em conexão. Entrar na dinâmica de uma tal vitalidade é o convite que nos faz o pensamento de Dilthey como um todo.